



Universidade: presente!

UFRGS
PROPEAQ



XXXI SIC

21. 25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

Evento	Salão UFRGS 2019: SIC - XXXI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2019
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	Determinantes de experiência social: diálogos entre interseccionalidade e visão subjetiva
Autor	RAFAEL AQUILES BARCELLOS PINTO
Orientador	DANIEL CANAVESE DE OLIVEIRA

Determinantes de experiência social: diálogos entre interseccionalidade e visão subjetiva

Autor: Rafael Aquiles Barcellos Pinto

Orientador: Daniel Canavese

Instituição de origem: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

O presente estudo tem sua materialidade possível a partir de um recorte do conjunto de atividades desenvolvidas pelo projeto “A Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (PNSILGBT): estratégias de análise, avaliação e formação para o aprimoramento do Sistema Único de Saúde”. O interesse, aqui, traduz-se em estudo qualitativo visando mapear quais as relações que os sujeitos constroem, subjetivamente, entre os marcadores sociais da diferença que constituem os diferentes corpos e que, conseqüentemente, condicionam suas experiências em sociedade de forma positiva ou negativa, e a (in)congruência de tais relações levantadas com o que é exposto nas proposições da literatura acerca da interseccionalidade.

Importantes falas da ex-Ministra-chefe da Secretaria de Políticas Públicas da Igualdade Racial do Brasil (SEPPIR), Luiza Bairros, nos apontam para a importância de considerarmos o marcador racial como central no debate sobre as desigualdades sociais no Brasil (2006). Similarmente, Carla Akotirene (2018) nos indica uma mirada analítica pautada na interseccionalidade, que consiste em “*uma ferramenta teórica e metodológica usada para pensar a inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado, e as articulações decorrentes da*”. Tal estudo surge a partir dos pensamentos da jurista Kimberlé Crenshaw (2002), propondo a necessidade de compreendermos que as interações entre dois ou mais eixos de subordinação geram conseqüências estruturais.

Utilizamos de entrevistas individuais semi-estruturadas (Minayo, 2006) com usuários/as e profissionais do SUS, ativistas de movimentos LGBTs e gestores/as de saúde, as quais foram gravadas e transcritas para levantar dados posteriormente analisados de acordo com análise temática (Braun, Clarke, 2006). Evitando constranger as pessoas entrevistadas que podem não ter proximidade com (ou entendimento de) termos acadêmicos, optamos por construir uma pergunta específica para cada uma delas de acordo com as falas anteriores e os elementos trazidos por elas para questionar quais marcadores essas pessoas consideram que condicionam/influenciam mais a vida dos sujeitos, e como esses marcadores se relacionam produzindo novos e específicos condicionamentos.

Os resultados, apresentados a seguir, foram obtidos a partir da realização de cinco entrevistas e suas transcrições. Analisamos duas entrevistas que indicaram, principalmente, que os marcadores raça/cor (em caso de pessoas não brancas, com ênfase nas negras) e identidades de gênero trans serão os maiores determinantes de situações de violência provocadas pelo estigma ou preconceito, seguido pelos marcadores de orientação sexual e de classe. O marcador racial foi entendido, em ambas as entrevistas analisadas, como um determinante agravador quando combinado com as opressões causadas pelos outros marcadores, corroborando com as proposições da perspectiva interseccional.